

Ativismo antiGlobo na *web*: explorando o campo discursivo

AntiGlobo activism on the *web*: exploring the discursive field

Ricardo Duarte Gomes da Silva

Doutor em Comunicação (UFMG).

Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social (UFV-MG).

Henrique Moreira Mazetti

Doutor em Comunicação (UFRJ).

Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social (UFV-MG)

Deborah Médice

Graduanda do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFV-MG.

ex-bolsista de Iniciação Científica do programa Probic-Fapemig.

Resumo: Nos últimos anos se intensificaram as manifestações que questionam e criticam a atuação da Rede Globo nos cenários político e midiático brasileiro. O presente trabalho mostra 27 páginas do *facebook* dos ativistas antiGlobo e comenta algumas delas, como também traz algumas notícias sobre o antiglobismo nas mídias. Buscamos apresentar algumas ranhuras deste campo discursivo. Ao final, consideramos que o antiglobismo conseguiu reposicionar a Globo em alguns momentos, alcançou visibilidade na grande mídia e trouxe para a *web* elementos de fatos históricos que envolveram a Rede Globo. O antiglobismo possui como marca a contradição de suas práticas e discursos, além da ausência de uma circulação mais intensa de debates sobre a democratização da informação no Brasil.

Palavras-chave: Ativismo. Mídia Radical. Rede Globo.

Abstract: In recent years intensified the manifestations that question and criticize the performance of Rede Globo in the political and media-alternative scenarios of Brazil. The present work shows 27 pages of the facebook of the activists antiGlobo and comments some of them, but also brings some news on the antiglobismo in the media. We try to present some grooves of this discursive field. In the end, we consider that anti-globismo managed to reposition Rede Globo in a few moments, achieved visibility in the mainstream media and brought to the web elements of historical facts that involved Rede Globo. The antiglobismo has as a mark the contradiction of its practices and discourses,

besides the absence of a more intense circulation of debates on the democratization of the information in Brazil.

Keyword: Activism. Radical Media. Rede Globo.

1. Introdução

Os temas da democratização da informação e do “quase monopólio” dos grandes veículos de informação e comunicação de massa no Brasil fazem parte das discussões do campo da Comunicação desde o século passado. Nos últimos anos essas discussões se intensificaram e, com as redes sociais, os ativistas da rua recuperam palavras de ordem do ativismo antiglobista do passado e reverberam pela *web*. Em 2015, a TV Globo comemorou 50 anos, pautando as comemorações em sua programação. Esta estratégia discursiva da emissora acirrou o debate do ativismo na rua e nas redes. A emissora se reposicionou em relação ao discurso do antiglobismo, admitindo, por um lado e pela primeira vez na televisão, que errou na abordagem das notícias sobre a chamada “Diretas Já” (movimento nacional da abertura democrática de 1985) e nas edições de imagens do debate “Collor x Lula” nas eleições presidenciais de 1989. Por outro lado, observamos em 2015 que a página da *web* dedicada à “Memória Globo”¹, no *link* chamado “Erros e Acusações falsas”, estavam os conteúdos sobre as concessões de canais, os casos *time-life* e Proconsult, como também o das “Diretas já” e do “Collor vs. Lula”.

Este texto tem o objetivo de apresentar uma pesquisa descritiva sobre o campo discursivo do ativismo antiGlobo na *web*, tomando como referência levantamentos realizados entre 2015 e 2016 em *blogs*, *sites* e páginas do *facebook*, observando algumas características gerais deste ativismo (aspectos de sua circularidade discursiva). Ajustamos a descrição e as sinalizações de sentido encontradas às noções de mídia radical, dos movimentos sociais em rede e sobre discurso. Em seguida, fazemos um breve relato histórico sobre os acontecimentos que compõem o campo discursivo dessas formas de protestos na *web*. Finalmente, apresentaremos uma breve análise descritiva deste campo.

2. Movimentos sociais em rede

Não é de hoje o entrelace das tentativas de comunicação com as de transformação política pelos movimentos sociais. Downing (2002) remonta à Reforma Protestante alemã, no

1 C.f.: <http://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em 09/07/2016.

século XVI, demonstrando como a circulação de panfletos e xilogravuras na época alimentou argumentos e embates políticos, permitindo reconfigurações nas relações de poder. O autor recupera uma série de manifestações, ao longo dos últimos séculos, daquilo que ele chama de “mídia radical”. O conceito abrange tanto práticas de comunicação midiática quanto interpessoal. A noção desestabiliza dicotomias entre mídia hegemônica e mídia alternativa, ampliando o escopo das práticas comunicacionais consideradas políticas. Segundo Downing, a mídia radical “constitui a forma mais atuante da audiência ativa e expressa as tendências de oposição, abertas e veladas, nas culturas populares. (...) as várias formas de mídia radical alternativa são, de maneira quase óbvia, formas de expressão das culturas populares e de oposição” (Downing, 2002, p. 33-34).

Se para Downing o emprego de estratégias comunicacionais é uma constante nos movimentos sociais, a popularização da internet nas últimas décadas ofereceu uma ampliação das possibilidades de ação política na esfera midiática. As formas de comunicação e de troca de informação *online* começam a estruturar a sociedade atual (Castells, 2013) e a *web* deixa de ser mais uma plataforma para a ação política, sendo vista como lugar de novos contornos dos movimentos sociais.

O ativismo político em rede se conecta com outras redes de múltiplas formas horizontais e multidirecionais, ampliando os potenciais de mobilização e articulação. Da *web*, tais movimentos ganham maior dimensão nas ruas (Castells, 2013), sendo impossível de ignorar a estreita relação do que acontece na rua com o que acontece na *web* (Malini; Antoun, 2013). Piquetes, discursos nos palanques em público, revoltas armadas ou até mesmo o movimento de greve seriam ações de rua reguladas pelas redes da *web*: ações políticas de rua perdem força, mas cedem lugar a essas novas táticas interativas de manifestação “rua-*web*-rua”, que altera o modo como o ativismo e os ativistas são vistos. Para além daquilo que só acontece na *web*, as comunicações “rua-*web*-rua” ocorrem apenas entre os indivíduos conectados, de maneira densa, contínua e rápida, sofisticando as formas de engajamento, diversificando as experiências relacionais e reforçando a homofilia (interlocutores anônimos, conhecidos e casuais).

Para o ativismo na *web* a lógica da difusão é menor que a do espalhamento que visa a sobrevivência das informações e ideias (Castells, 2013; Jenkins, Ford; Green, 2013). Além disso, são descentralizados, sem uma liderança demarcada e raramente possuem projetos

programáticos com objetivos claramente definidos; viralizam múltiplas causas (desde apoiar o uso de *bikes* até combater o consumismo e criticar a globalização, passando pelas demandas antigas, como a reforma agrária, meio ambiente e democratização da comunicação) e, em geral, são movidos por emoções.

Se a *web* permite novos modos de manifestação política, mas não elimina com a ação política nas ruas, então observamos uma nova forma de fazer ativismo, que incorpora lógicas do campo discursivo *online*: busca de visibilidade e fazer pressão pelo poder simbólico.

Por um lado temos o limite à participação “rua-web-rua”, fazendo com que alguns evitem os conflitos e tensões do real, escondendo-se nas trincheiras do livre ambiente *web*. Contudo, há um domínio de novas tecnologias de produção gráfica e eletrônica, por vezes criativa, de qualidade técnica e estética, por onde se constroem os argumentos. O campo discursivo se enriquece com esta liberdade de produção, expressão e viralização.

Esta circulação discursiva do antiglobismo se apresenta como um contraponto as instituições, driblando os grandes veículos e as notícias oficiais, reforçando ideais como liberdade de expressão e democracia, mas também sugere pensarmos em formas de totalitarismo e intolerância.

2.1. Aspectos sobre o discurso antiglobista em circulação

Entre 1960 e 1980, Borelli e Priolli (2000) considerou o cenário de “quase monopólio” da Rede Globo no Brasil. A palavra *monopolion*, do grego (*monos*= só, único; *polein* = vender) possuem dois sentidos nos exemplos ingleses: posse exclusiva do comércio de algo ou privilégio exclusivo dado mediante uma licença para vender algo: “Trata-se claramente de uma descrição da atividade não de um indivíduo, mas de uma classe. É nesse sentido que podemos compreender o uso” (Williams, 2007, p.283-284). Ou seja, no sentido literal “monopólio” significa um único vendedor, mas que também pode se referir a classe das grandes empresas e cartéis formais que, na prática dos dias de hoje, controlam determinados setores do mercado.

O discurso antiglobista em circulação constitui esse campo por onde atravessam produções de conteúdo de variados gêneros (notícias, charges, reproduções, vídeos, etc) e no conjunto dos enunciados funcionam como resposta contra este “monopólio” ou esta classe de empresas e cartéis que controla os meios massivos e *online* – e que tem uma concessão pública

para os canais de comunicação. Os ativistas antiGlobo buscam os formadores de opinião, os simpatizantes do movimento e focam como destinatários de seus enunciados até mesmo os profissionais da emissora (na medida em que hostilizam os repórteres).

Os antiglobistas na *web* fortalecem a passagem do lugar de “sujeitos telespectadores” da emissora para “atores ou enunciadore de discursos críticos” contra a Globo, fazendo circular conteúdos em rede entre destinatários, como também adesões e críticas a certos conteúdos e debates públicos. Desta maneira, um espaço público do discurso antiglobista se constitui, na medida da intensificação de *likes*, *shares* e *comments* nas produções da *web* e das práticas políticas de rua, configurando uma nova maneira se aderir à política do tipo rua-*web*-rua.

Há um atravessamento de sentidos e discursos do passado no presente, múltiplas vozes e ecos que compõem os enunciados dos ativistas. Para Peruzzolo (2004), todo discurso é a produção de uma materialidade assumida por intersubjetividades. Essas múltiplas vozes e ecos se encontram, buscam umas às outras, fazendo circular sentidos e conteúdos.

Verón (2004) mostra que observamos um discurso atuando em seu ambiente de produção e contexto, formando os modos de dizer do discurso. A análise semiológica de Verón objetiva ressaltar e dizer quais são as operações que, em um discurso, decidem a posição do enunciador (os antiglobistas) e, assim, também a do destinatário (simpatizantes, profissionais da emissora, formadores de opinião, instituições públicas, entre outros). Várias pessoas produzem textos e imagens na internet sempre em processo e em rede, mobilizando significantes e significados nas interações com os contextos e seus efeitos de sentido variados.

Ao tentarmos traçar as ranhuras deste campo discursivo do antiglobismo estamos buscando processos de significação que se efetivam por meio de estratégias discursivas nos suportes comunicacionais. Nos limites deste texto, sinalizaremos para possíveis constituições de operações discursivas e significações do antiglobismo na *web*. Os modos de dizer se constroem pela representação daquele que fala, ou seja, as montagens discursivas que circulam pelas páginas; as fotos das manifestações; as charges; entre outros. Todas essas representações se mostram àquele que o discurso seria dirigido e a interação entre essas imagens propostas no discurso. Portanto, o discurso aqui seria visto como a prática da linguagem no social que sinaliza para uma maneira de agir e de representar, composto pelo cultural, pelo ideológico e pelo histórico. Discurso e sociedade dialogam no campo midiático.

3. Ecos do antiglobismo: aspectos históricos

As polêmicas marcantes da história do Grupo Globo começam em 1953, quando se afirmou que a Rádio Globo teria sido utilizada para fazer oposição ao presidente Getúlio Vargas. Pela voz de Carlos Lacerda, o jornalista atacava o governo, alimentando a oposição. Com o suicídio de Getúlio, a Globo foi atacada e considerada culpada pelo desfecho trágico.

Segundo Calabre (2004, p.8), a reação popular se deu logo em seguida ao acontecimento: “pelas ruas, o povo ia destruindo tudo o que simbolizasse a oposição ao Presidente Getúlio Vargas, cartazes, *outdoors*, tanto de empresas como de políticos. Os carros do jornal O Globo e da Rádio Globo eram atacados, alguns foram incendiados”. A Rádio Globo ficou algumas horas fora do ar e o jornal O Globo impedido de circular. E algumas pessoas queimavam bancas de jornais e carros de distribuição do jornal. “A ira popular contra Carlos Lacerda e contra a Rádio Globo era esperada, pois poucas horas antes do suicídio, Lacerda atacava ferozmente Getúlio Vargas em declarações feitas a equipe de reportagem da emissora”.

O governo Dutra havia concedido à Rádio Globo parecer técnico favorável à concessão de um canal de tevê, negado por Getúlio. Em 1957 foi outorgada pelas mãos de Juscelino Kubitschek. Sem alardes, a TV Globo cresceu em técnica, modos gerenciais e artísticos no Brasil, entrando no ar em 1965, Canal 4, assumindo em quatro anos a liderança absoluta de audiência “a ponto de convertê-la em virtual monopólio e tornar comum a acusação de que se transformara numa espécie de um ministério extra-oficial da informação no país” (Silva, 2014, p.30). Este sucesso se deu também por conta do contrato de assistência técnica firmado com o grupo *Time-Life*, em 1966, que rendeu a emissora cinco milhões de dólares. A Globo comprou a TV Paulista, Canal 5, sob as suspeitas do caso *Time-Life* que era repercutido em jornais e casas legislativas.

A Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados que investigou o caso *Time-Life* aprovou por unanimidade o parecer do relator, deputado Djalma Marinho, segundo o qual os acordos entre a Globo e o grupo americano infringiam o artigo 160 da Constituição da República. Mas o procurador geral da República e o presidente Castello Branco, em março de 1967, decidiam que a operação havia sido legal, o que seria referendado em 198 pelo presidente Costa e Silva (Silva, 2014, p. 32).

Nos anos 50, com o aumento da presença de capital estrangeiro no país – mesmo existindo um impedimento na Constituição – o capital estrangeiro participava em empresas

brasileiras de publicidades, rádio, televisão, editoras e jornais. Segundo Peths e Leal (2013), Globo, empresas estrangeiras e regime militar promoveram o argumento da integração nacional, em uma relação marcada pela subserviência e troca de favores. A concessão pública dada às emissoras servia para movimentarem as quantias financeiras proporcionadas pelos anúncios, além de difundir propagandas do Regime. (Peths; Leal, 2013), facilitando para todo o país via TV Globo a imagem de “um Brasil que vai para frente” (Ramos; Freitas, 2015). O apoio ao regime militar não impediu que a própria Globo sofresse censura, o que refletiu na prática da autocensura dentro da empresa e no desenvolvimento de uma cultura de controle da opinião pública (Soares, 1989).

Nos anos 80 a Globo se envolveu com o pleito no Rio de Janeiro. Ela teria participado, juntamente com os serviços de informação da ditadura, de um complô para fraudar os resultados, tentando evitar a vitória do candidato Leonel Brizola. O caso ficou conhecido como “escândalo Proconsult”, nome da empresa responsável pela contagem de votos. Segundo Miguel (2003, p.291), a opção pela “manipulação política descarada” já tinha se manifestado na cobertura das greves operárias do ABC paulista em 1977 e 1978. E no movimento “Diretas já”, a emissora também foi acusada de ignorar em seus noticiários as manifestações que ocorreram na Praça da Sé em São Paulo e em Curitiba/PR (Miguel, 2003). Em alguns casos as equipes de jornalismo passaram a ser hostilizadas nas ruas, período em que começam a surgir *slogans* como “o povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”.

Com o passar dos anos, o conglomerado de mídia da Globo chegou ao 17º maior do mundo² e o 1º no país, de acordo com o Sistema Central de Mídia no Brasil (Görgen, 2009). Em 2015, a TV Globo pautou em seus programas e telejornais a comemoração do aniversário, o que foi visto pelos ativistas como uma pauta privada que ocuparia as pautas sobre os vários problemas sociais do país. Neste ano, manifestantes chegaram a jogar esterco na porta da emissora e pichar as paredes enquanto gritavam “a verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura” (portais Terra e R7 de 30/08/2013).

Essa intensidade do movimento antiGlobo tem provocado reposicionamentos da emissora na sociedade: em 31/08/2013, a Globo assumiu publicamente os erros no jornal O

2 C.f.: <http://goo.gl/f7qfv6>

Globo, quando publicou o editorial³: “Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro”. Da mesma forma o Jornal Nacional veiculou nota de 2 minutos e 40 segundos que se valeu do próprio *slogan* “a verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura” para pela primeira vez reconhecer erros, afirmando que as manifestações contra a emissora geraram uma oportunidade da empresa se (re)posicionar sobre abordagem de suas notícias (basicamente, “Diretas Já”, “eleições presidenciais de 1989”⁴).

4. O campo discursivo: pesquisa descritiva do conteúdo *online*

Após os aspectos históricos, ecos do discurso antiglobista, observaremos traços do desenho do campo discursivo em algumas páginas do movimento na *web*, através de descrições e sinalizações de sentido.

A pesquisa exploratória começou em 2015 com Sousa (2015), que levantou os espaços na *web* e encontrou três categorias: “Notícias” (mídia alternativa e grande mídia); conteúdo do evento “Descomemore” e lista com 27 páginas no *Facebook*. Na Tabela 1 temos 23 páginas, três grupos fechados e um grupo público⁵. Nas páginas “abertas” os usuários podem “curtir” ou “compartilhar” conteúdos, recebendo depois atualizações em seu *feed*. A visualização do debate está no ambiente público. Já nos grupos fechados/públicos temos o controle da participação e visualizações só para membros cadastrados. Só *likes* e *shares* não definem um usuário como “ativista”, mas sim como simpatizantes do movimento. Os usuários com atuação mais efetiva entram dentro da tática “*rua-web-rua*”.

Na Tabela 1 a maioria das páginas tinha postagens regulares. As que deixaram de postar não foram excluídas da rede. Observamos também que todas as páginas surgiram pós-2010 e as páginas com cinco anos de existência ainda estavam em atividade em 2016.

Tabela 1 – Levantamento das Páginas sobre o ativismo antiGlobo em 2015

Nome	Nº de curtidas	Criação	Ativa/Inativa
------	----------------	---------	---------------

3 C.f.: <http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>. Acesso em 19/08/2016.

4 C.f.: <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-admite-pela-primeira-vez-na-televisao-que-errou-nas-diretas-ja-7512>. Acesso em 19/08/2016.

5 C.f.: <https://www.facebook.com/help/155275634539412>. Acesso em 19/08/2016.

1. Eu odeio a Globo	73.260	2014	Ativa
2. Desmascarando a manipulação da Globo e Folha de São Paulo	49.880	2014	Ativa
3. Globosta	22.743	2012	Ativa
4. O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo	13.788	2012	Ativa
5. Globo Lixo	11.660	2012	Ativa
6. Viu na Globo Ficou Bobo (grupo fechado)	10.747 (pessoas inscritas)	2015	Ativa
7. Eu odeio a Globo	10.365	2013	Inativa
8. Eu odeio a Rede Globo	10.292	2011	Ativa
9. Unidos contra a Rede Globo	9.635	2012	Ativa
10. Fora Rede Globo Lixo	9.419	2012	Ativa
11. Contra a Rede Globo de manipulação	7.907	2013	Ativa
12. A Rede Globo Mentira	7.356	2012	Ativa
13. Eu odeio a emissora de televisão Globo	7.294	2012	Inativa
14. Eu odeio a Globo	4.558	2011	Ativa
15. Eu odeio a Rede Globo	3.794	2014	Ativa
16. Eu odeio a Rede Globo (grupo fechado)	3.505		
17. Globosta	3.203	2012	Ativa
18. Eu odeio a Rede Globo	2.815	2013	Ativa
19. Eu odeio a Rede Globo manipuladora	2.773	2014	Inativa
20. Eu odeio a Rede Globo	2.766	2014	Ativa
21. Eu odeio a Rede Globo, não a audiência forçada (grupo público)	2.409	2015	Ativa
22. A Rede Globo é golpista (grupo fechado)	2.338		
23. Manifestação contra a Rede Globo	2.249	2011	Inativa
24. Globosta	2.223	2013	Ativa
25. Merd TV	2.109	2010	Ativa

26. Globo golpista	2.090	2015	Ativa
27. Eu odeio a Rede Globo	1.838	2014	Ativa

A página “Eu odeio a Globo”, primeira da lista, tinha 73.260 *likes* em 2015, publicava diariamente, recebia muitos comentários e *shares*. Na foto perfil a *logo* da Globo feita de papel amassado (sentido de descartável). Na foto de capa, uma arma apontada para uma “cabeça” (sentido de simulação de um suicídio), mas no lugar de uma cabeça uma televisão com a logo da Globo. O texto, ao fundo da montagem, fecharia o sentido: “Cala a boca, Rede Globo”. Na aba “Sobre”, o administrador convocava: “A Globo manipula o povão desde sempre. Se você também odeia essa emissora que só atrapalha o nosso país, una-se a nós!”. As imagens e frases fazem associações: a *logo* da emissora com “lixo”, “descartável”; associação com a audiência da Globo, que atenta contra a própria inteligência. Já a frase “Cala a boca, Rede Globo” convoca dizeres clássicos e atuais: (1) o “cala a boca, jornalista” dos tempos da ditadura militar; (2) ou o “cala a boca já morreu”, frase na época proferida por juíza durante o julgamento sobre as biografias, em 2014. As frases, de algum modo, remetem aos temas da intolerância e da censura.

Passeando pela lista das páginas vemos outras palavras das páginas do antiglobismo associadas à emissora: “manipulação”, “bosta”, “lixo”, “mentira”, “golpista” e frases clássica do ativismo do século passado. Só as palavras “odeio a Globo” aparecem em 12 das 27 páginas. Na base da lista, algumas páginas possuem postagem ativa, como por exemplo a “Globo Golpista”, de 2015, com 2.090 curtidas, publicações e comentários regulares. A foto perfil da página exibe a clássica *logo* da emissora com boina do exército, simulando uma cabeça. Dentro da *logo* os dizeres: “1964, saudades”. Na foto de capa, a mesma cabeça e uma mão que faz continência. Ao fundo, recortes do jornal O Globo. Tais sinais apontam para alusões sobre o apoio da emissora ao regime militar.

A mais antiga das páginas, a MerdTV de 2010, merece destaque. Foto de perfil: *logo* do Merd TV. Foto capa: diversos dizeres “consume”, “conforme”, “assista tv”, “trabalhe 8 horas” dentre outros, o que mostram ideias para além do antiglobismo. Na *timeline* vídeos com comentários críticos à Globo, charges, piadas e *banners*⁶. Na aba “Sobre”, um conceito da

6 C.f.: <https://goo.gl/FwiDX5>. Acesso em 19/08/2016.

“ideologia meridiana” e uma associação da Rede Globo com o *Illuminatis*, fazendo referência às sociedades secretas que conspiram para alcançarem o poder. Também fornecem materiais de leitura: *links* para textos sobre conspirações políticas nacionais e internacionais; críticas às multinacionais; resenhas de livros; sinopses de filmes.

Merd TV possuía algumas características singulares em relação as outras páginas do antiglobismo, existindo para além do *facebook*. Interessante observar que em um *site* os ativistas mostraram diversas ações, entre elas as “invasões de *links*”: momentos de protesto dos ativistas que invadem gravações de rua dos repórteres da Globo ao vivo. No caso da MerdTV, as invasões de *links* (“merd ataques”) eram usadas também para divulgar a própria página e *site* na *web*. Por exemplo, quando da morte do ex-vice-presidente José de Alencar, em 29/03/2011, o repórter do SPTV (informativo regional da Globo em São Paulo) foi abordado pelas costas por um homem vestido com uma camisa com os dizeres “Merd TV” que gritava: “Merd TV aqui, ó! É Merd TV! Assistam a Merd TV!”⁷.

O antiglobismo se apropriou das invasões de *links* ao vivo, mas tais invasões são anteriores até mesmo ao MerdTV. Começou, ao que parece, como um ato humorístico, sem intenção de protesto, no ano de 2007, associado ao programa “Pânico”, da Rede TV. O “Pânico” tinha um quadro que desafiou artistas a dançarem em frente às câmeras a chamada “Dança do Siri”. Os públicos do programa em todo o país se arriscaram a fazer a coreografia da dança atrás dos repórteres das emissoras de tevê. Qualquer pesquisa rápida no *Youtube* mostrará diversos vídeos das invasões de *links*⁸, que a MerdTV na época classificou como “merds ataques”⁹.

Talvez a mais famosa invasão de *link* seja a realizada durante a entrada ao vivo da repórter Monalisa Perrone no Jornal Hoje do dia 31/10/2011¹⁰. O ataque circulou pelas redes sociais e ganhou destaque até no extinto programa CQC, da TV Band. Os apresentadores do

7 C.f.: <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/999433-grupo-atrapalha-entradas-ao-vivo-de-reporteres-da-globo.shtml>. Acesso em 19/08/2015.

8 C.f.: <https://www.youtube.com/watch?v=xJ7cyUzBtVE>. Acesso em 19/08/2015.

9 C.f.: <https://merdtv.wordpress.com/videos/>. Acesso em 19/08/2015. Também confira::

<https://www.youtube.com/user/ISABELAGOU>; https://www.youtube.com/channel/UCaNN9EtXJLsy0Zd41R_d7bw.

10 C.f.: <http://entretenimento.r7.com/blogs/fabiola-reipert/monalisa-perrone-e-atacada-ao-vivo/2011/10/31/>. Acesso em 19/08/2015.

Jornal Hoje pediram desculpas e classificaram o empurrão como “ato deselegante”. Logo a palavra “deselegante” viralizou pela *web* com a *hashtag* “#quedeselegante”¹¹.

5. As notícias sobre o movimento nas ruas

Além das páginas, *sites* e *blogs*, o campo discursivo do ativismo antiGlobo se constitui também através das notícias em circulação. Organizamos as notícias em 10 casos específicos. Em cada caso (salvo algumas exceções), em média duas notícias em *sites* diferentes. Para cada caso encontramos um vídeo no *Youtube*. No total, cinco casos de profissionais da Globo expulsos ou hostilizados em locais da cobertura e outros cinco em que a Globo foi alvo de manifestações e atos organizados: (a) *Emissora expulsa*: por policiais e bombeiros em greve em Copacabana/RJ (2012); de um protesto dos educadores na cidade do Rio de Janeiro (2014); da assembleia de professores de Juiz de Fora/MG (2015). (b) *Emissora hostilizada*: por manifestantes contra o governo em Copacabana/RJ (2015); em manifestação na cidade de São Paulo (junho 2013). (c) *Organizações contra a Emissora*: chamada do grupo “Anonymous” para manifestação nacional e atos contra o monopólio (2013); manifestação durante discurso da ex-presidente Dilma Rousseff (2014); e viral nas redes sociais da “#globogolpista” (2015). A minoria (5 de 15) são dos portais *IG* e *Uol*¹². A maioria das notícias circulou pelas mídias alternativas: *Correio do Brasil*¹³, “*Brasil de Fato*”¹⁴, *Revista Fórum*¹⁵, *Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação* (movimento nacional que, em 1995, transformou-se em uma instituição¹⁶), *Pragmatismo Político*¹⁷, o *Conversa Afiada*¹⁸ e *BR29*¹⁹.

Um outro tipo de invasão de *link*, contudo, foi visto no dia 26/10/2014, no discurso da ex-presidente Dilma, após o 2º turno. Ela foi interrompida diversas vezes pelos gritos de: “o povo não é bobo, abaixo a rede Globo”. A frase ecoou dentro da transmissão ao vivo dos canais Globo e GloboNews. Sem poder interromper a transmissão do discurso de posse de um presidente, a emissora cedeu 34 segundos para os gritos dos ativistas. Episódio semelhante

11 C.f.: <http://www.supremas.com.br/monalisa-perrone-e-empurrada-ao-vivo/>. Acesso em 19/08/2015.

12 C.f.: <http://estudiopivot.com.br/blog/100-sites-mais-acessados-no-brasil/>

13 C.f.: <http://correiodobrasil.com.br>

14 C.f.: <http://www.brasildefato.com.br>

15 C.f.: <http://www.revistaforum.com.br>

16 C.f.: <http://www.fndc.org.br>

17 C.f.: <http://www.pragmatismopolitico.com.br>

18 C.f.: <http://www.conversaafiada.com.br>

19 C.f.: <http://br29.com.br>

aconteceu em 2016, durante pronunciamento do ex-presidente Lula sobre a Operação Lava-Jato. A GloboNews retransmitiu imagens geradas pela TV dos Trabalhadores. E novamente ouviam-se os gritos dos ativistas antiGlobo.

Considerações finais

Palavras e imagens montadas que associam a Globo a “lixo” e a “manipulação”; frases de ódio “odeio a Globo”; frases clássicas do antiglobismo; estratégias de invasões de *links*, hostilidade aos repórteres, chamadas na *web* para manifestações de rua e a circulação do antiglobismo pelas mídias alternativas constituem um conjunto que acaba por reverberar na própria Globo e em outros canais. O antiglobismo busca outras formas de visibilidade e poder simbólico, que se definem como práticas daquilo que Downing (2002) chama de mídia radical. Seja por meio do humor e da paródia, seja com o emprego de palavras de ordem e denúncias, o antiglobismo incorpora de forma fundamental as lógicas midiáticas em suas ações de dissenso, de múltiplas maneiras.

As postagens que difundem as práticas e dão visibilidade ao movimento pelas mídias se complementam na articulação e contato das postagens com outras páginas, sites e blogs. Contudo, o objetivo seria também alcançar a mídia massiva e principalmente mexer com a Globo. O antiglobismo também apresenta características em seu campo discursivo dos movimentos sociais em rede descritos por Castells (2013). Ainda que o movimento tenha uma forte presença nas redes sociais, ele se expande para as ruas, dificultando separações estritas entre manifestações *on* e *off line*. Também assume uma forma emergente, viral, descentralizada, aparecendo de forma irregular e inesperada em diferentes modos de manifestação, sem um núcleo ou liderança visível.

Não há no campo discursivo antiglobista uma intensa circulação dos projetos de democratização da mídia ou programas de ações neste sentido, mas há uma limitação em palavras de ordem motivadas pela circulação do sentido de indignação em relação ao papel da emissora na sociedade brasileira. Algumas palavras, como “fora Globo” e “vamos derrubar a Globo”, demonstram um desejo de “derrubar” a Globo do poder que ocupa. Assim como a própria violência nas manifestações e protestos pode ser interpretada como uma espécie de arma escolhida para o combate.

Observamos que o ativismo nem sempre é sinônimo de democracia. Prova disso são os casos relatados em que jornalistas e equipes de reportagem são agredidos verbalmente, empurrados e expulsos; ou quando manifestantes danificam e picham imóveis de propriedade da emissora; ou nos gritos e frases que representam na verdade a própria censura. Os ativistas culpam a Globo de terem apoiado a ditadura e de ter feito parte dela, mas o próprio movimento mostra tendências ao autoritarismo; criticam a censura e a manipulação da Globo, mas também exercem a censura quando hostilizam os repórteres; reivindicam a democratização da mídia, mas exigem a cassação das concessões públicas da Globo. A contradição seria uma marca essencial do campo discursivo antiglobista, fato que não desqualifica o movimento.

O campo discursivo ganha sobrevida na *web* também na medida em que relembra, através de fatos históricos, a trajetória da emissora no país. A presença desta crítica se configura como saudável ao debate sobre a democratização da informação nos dias atuais. E a *web* permite as mobilizações de rua, os debates e as formas de expressão da indignação, sinalizando para a necessidade de mais diálogo entre a classe das grandes empresas de comunicação, jornalistas e figuras públicas que representam tais emissoras, os ativistas e o público em geral.

Referências Bibliográficas

- BORELLI, S.B.; PRIOLLI, G. (Coords.). A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais campeã absoluta de audiência. São Paulo: Summus, 2000.
- MALINI, F.; ANTOUN, H. A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- CALABRE, L. A Rádio Globo e o governo Vargas (1953-1954). NP 06: Rádio e Mídia Sonora. IV Encontro dos NPs da Intercom. Porto Alegre: PUCRGS, 2004.
- CASTELLS, M. Redes de indignação e esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DOWNING, J. Mídia radical. São Paulo: Senac, 2002.
- GÖRGEN, J. Sistema central de mídia: proposta de um modelo sobre os conglomerados e comunicação no Brasil. Mestrado (Comunicação e Informação). UFRGS, 2009.

MIGUEL, L. F. A eleição visível: a Rede Globo descobre a política em 2002. Revista de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, v.46, n.2, p.289-310, 2003.

PETHS, L.; LEAL, P.R.F. Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral e Propaganda Partidária Gratuita: do surgimento à personalização na televisão brasileira. Revista Parágrafo, Fiam-Faam, v. 2, n. 1, p. 84-97, 2013.

RAMOS, R.; FREITAS, F. L. Rede Globo de Televisão: 50 anos—a integração cultural e ideológica. Revista Alterjor, v. 1, n. 11, p. 16-35, 2015.

SILVA, A.R.T. Lembranças incômodas: uma análise da autocrítica dos jornais O Globo e Folha de São Paulo sobre seu apoio à ditadura militar. DT1: Jornalismo. XVI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom Nordeste, maio de 2014.

SOARES, G.A.D. A censura durante o regime autoritário. Revista Brasileira de Ciências Sociais da ANPOCS, v. 4, n. 10, p. 21-43, 1989.

SOUZA, J.N. Ativismo antiGlobo: Reverberações e Sentidos. TCC (Comunicação Social). Universidade Federal de Viçosa/MG, 2015.

JENKINS, H.;FORD,S.;GREEN,J. Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture. New York: University Press, 2013.

WILLIAMS, R. Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

PERUZZOLO, A.C. Elementos de semiologia dos discursos. In: PERUZZOLO, A.C. Elementos de semiótica da comunicação. Bauru: Edusc, 2004.